

The Wellbeing  
Issue

---

# Early Childhood Matters

---

What does wellbeing  
mean for parents and  
other caregivers?

# Entrevista com Fabrizio Zilibotti

*Co-autor de Love, Money & Parenting:  
How Economics Explains the Way We Raise Our Kids*



**“A crescente desigualdade  
está agravando o  
'parenting gap'”**

**A ideia do "parenting gap", que sugere que os pais de estratos econômicos mais baixos frequentemente não conseguem passar tempo suficiente com seus filhos, é negligenciada nas conversas sobre paternidade. Fabrizio Zilibotti, co-autor do livro "Love, Money & Parenting: How Economics Explains the Way We Raise Our Kids" (2019), fala sobre a influência crucial da desigualdade econômica nas decisões parentais, em uma entrevista com Tanmoy Goswami.**

**O que é o "parenting gap" e como está relacionado à desigualdade econômica?**

Essa é a questão central em nosso livro. Em todo o mundo, existem sociedades em que entrar nas "melhores" escolas ou fazer as escolhas "certas" ou não se "distrair" é muito importante para o sucesso do futuro das crianças. Tudo isso requer o envolvimento intensivo dos pais. Porém, quando os pais lutam economicamente - especialmente em sociedades com alto índice de desigualdade e redes de segurança socioeconômica precárias - eles não conseguem investir esse tipo de tempo e atenção em seus filhos. Isso cria o que chamamos de "parenting gap".

**O "parenting gap" está aumentando ou diminuindo?**

Em geral, o número de horas que os pais passam com seus filhos aumentou significativamente nas últimas quatro ou cinco décadas. Mas esse ganho foi muito maior para famílias mais ricas. Se compararmos famílias com maior poder aquisitivo com aqueles de uma posição socioeconômica mais baixa na década de 1960 ou 1970, a diferença na quantidade de tempo que ambas passavam em contato direto com seus filhos era bem pouca. Contudo, com a crescente desigualdade, essa diferença aumentou. Essa disparidade no envolvimento dos pais significa que crianças de famílias mais pobres têm menos chances de se sair bem e subir na escala social à medida que crescem, o que, por sua vez, agrava a desigualdade econômica. É um ciclo vicioso.

**O "parenting gap" está presente apenas nas economias mais pobres?**

Não, é possível observar o "parenting gap" mesmo em economias avançadas. Por exemplo, nos últimos anos, nos EUA, os pais mais instruídos dedicaram cerca de duas horas a mais por semana aos filhos em comparação com seus colegas com menos instrução.

Será que o "parenting gap" está presente somente nas economias mais pobres?

**Quando o impacto do "parenting gap" é mais crucial?**

As evidências mostram que quanto mais velhos os filhos ficam, mais difícil é para os pais exercerem influência sobre a mudança. Isso não quer dizer que os pais não possam fazer nada pelos seus filhos quando eles estão mais velhos. Os pais com mais recursos financeiros, por exemplo, podem pagar mais pela educação ou por aulas de música e esportes. Na adolescência, as relações entre os colegas são cada vez mais importantes, e uma maneira fácil de os pais influenciarem isso é através da escolha do bairro.

**"Quando os pais lutam economicamente - especialmente em sociedades com alto índice de desigualdade e redes de segurança socioeconômica precárias - eles não conseguem investir esse tipo de tempo e atenção em seus filhos."**

**Como a desigualdade econômica pode ser relacionada ao estresse e ao bem-estar dos pais?**

De várias maneiras. À medida que algumas pessoas se tornam desproporcionalmente mais ricas, elas aumentam a demanda e o custo da educação e do desenvolvimento pessoal - desde as despesas escolares até os custos com creches e aulas de música ou esportes - tornando-os inacessíveis para as famílias mais pobres. Os pais com menor poder aquisitivo geralmente precisam trabalhar em vários empregos para conseguir pagar as contas, o que os deixa sem tempo e estressados. Os pais mais ricos podem pagar por serviços de apoio, como limpeza da casa, o que melhora seu bem-estar e lhes permite ter mais tempo para cuidar dos filhos. Vemos também que, em muitos países, a monoparentalidade é muito mais comum entre as populações de baixa renda, o que acrescenta mais uma camada de estresse.

**Seu livro defende que as diferenças nos estilos parentais, que normalmente são explicadas como uma função da "cultura", na verdade têm muito a ver com a desigualdade econômica.**

Isso mesmo. "Cultura" pode ser um pouco obscuro. Meu co-autor Matthias Doepke e eu fomos expostos a estilos de parentalidade muito diversos - na Itália, Espanha, Reino Unido, EUA, Suécia e China. Existem diferenças marcantes, não somente entre como os pais se comportam nesses países, mas dentro do país em si. Em cada um desses países, alguns pais praticam uma parentalidade mais permissiva e de "deixar acontecer", enquanto outros praticam uma parentalidade autoritária. Agora, se assumirmos que a maioria dos pais ama seus filhos e deseja que sejam felizes e bem-sucedidos, o que explica essa diferença? Não pode ser explicado apenas pela "cultura" - há uma forte correlação entre os estilos de parentalidade e os antecedentes econômicos das famílias. Psicólogos dizem há muito tempo que a parentalidade autoritária é mais comum em famílias de baixa renda [Straus and Stewart, 1999]. No livro, compartilhamos dados mostrando que, no Reino Unido, por exemplo, a proporção de pais que valorizam a "obediência" em seus filhos - um traço definidor da parentalidade autoritária - é muito maior nas classes econômicas mais baixas do que nas mais altas.

**“Há uma forte correlação entre os estilos de parentalidade e os antecedentes econômicos das famílias.”**

**Qual é a solução para o "parenting gap"?**

Instituições mais fortes e políticas bem fundamentadas. Por exemplo, pesquisas realizadas pelo ganhador do Prêmio Nobel James Heckman e outras demonstram que os programas voltados para famílias carentes - como creches de alta qualidade subsidiadas, apoio domiciliar para os pais e educação pré-escolar de alta qualidade para as crianças - durante a primeira infância têm um impacto positivo forte e de longo prazo sobre as habilidades não cognitivas das crianças.

Essas crianças se tornam mais motivadas a aprender, menos propensas a se envolver em crimes e, em geral, mais predispostas a pensar sobre as consequências de suas escolhas.

Outras políticas poderiam ser macroeconômicas, como a tributação progressiva e a redistribuição de renda. A maioria dessas políticas não é tão cara quanto se poderia esperar - na verdade, a pesquisa de Heckman mostra que elas podem se pagar muitas vezes [Heckman, 2023]. As creches subsidiadas reduzem o peso de outras políticas de bem-estar e aumentam a participação no mercado de trabalho e na receita tributária. Menos crime significa menos gastos com prisões. E o benefício de longo prazo da coesão social é difícil de quantificar, mas poderia ser substancial. Essas políticas podem reverter o ciclo vicioso no qual muitas famílias estão presas, reduzindo a desigualdade econômica, o que, por sua vez, ajuda a reduzir o estresse dos cuidadores e fecha a "parenting gap".

➤ **Encontre este artigo online em [earlychildhoodmatters.online/2023-7](https://earlychildhoodmatters.online/2023-7)**

## Referências

Doepke, M. and Zilibotti, F. (2019) *Love, Money & Parenting: How economics explains the way we raise our kids*. Princeton/Oxford: Princeton University Press.

Heckman, J.J. (2023) *Heckman: The economics of human potential*. Available at: <https://heckmanequation.org> (accessed November 2023).

Straus, M.A. and Stewart, J.H. (1999) Corporal punishment by American parents: National data on prevalence, chronicity, severity, and duration, in relation to child and family characteristics. *Clinical Child and Family Psychology Review* 2: 55-70. DOI: <https://doi.org/10.1023/A:1021891529770>.